

SOFIA MARRECCAS FERREIRA

O SANGUE DA TERRA

Tomasa acordou, levantou-se e foi à janela. Abriu a persiana, debruçou-se no parapeito e recebeu o ar fresco da manhã. Bateu com os nós dos dedos na gaiola dourada, o canário saltitou, balançou-se com tiques repentinos da cabeça, aproximou-se, e ela beijou-lhe a ponta do bico, comovida, ao pensar que ambos, a gaiola e o canário, lhe tinham sido oferecidos por Octávio. Depois, olhou o trânsito, em baixo, na rua, viu os homens que lavavam o asfalto com grossas mangueiras, e pensou que a vida naquele dia era igual à de todos os outros dias, fresca, lavada e certa, com os mesmos carros a passarem, levando provavelmente a mesma gente para os mesmos lugares. Foi à sala de estar, que também fazia de sala de jantar e de quarto de dormir para a filha, franziu o sobrolho surpreendida com a escuridão, e analisou o rosto de Catarina ainda entregue ao sono, na cama portátil. Escutou a sua respiração suave que levantava as dobras do lençol, inalou o odor a refogado e a couves requentadas que transpirava das escadas pela porta da entrada, e sorriu, feliz, como se a uniformidade dos hábitos, a constância da rotina e a igualdade dos acontecimentos fossem a maior prova e a garantia perene da sua estabilidade. Acariciou o cabelo da pequena e afastou-lhe a franja colada à testa que cheirava a transpiração, um suor leve e apetitoso de criança, abandonada aos sonhos e à magia de um mundo de bonecas e de faz-de-conta.

Então recordou Octávio, o seu olhar ausente de quem está com pressa ou de quem se esqueceu de alguma coisa, o chapéu levemente inclinado sobre a cabeça como se estivesse a ser constantemente empurrado por uma lufada de vento. Evocou os seus olhos cinzentos e distantes, tão distantes que pareciam habitar o Sol, o céu, o infinito, como se fixassem um tempo sem tempo, desabrigado dos meses, dos dias e das horas.

Voltou a analisar o rosto da filha salpicado de sardas, pensou que se parecia com o pai e no que a professora de Catarina lhe dissera. Era uma menina desatenta e distraída e, por isso mesmo, era necessário incutir-lhe certos princípios de base, como a ordem e a disciplina, pois, embora tivesse muito jeito de mãos, o resto pouco lhe interessava. Mas Tomasa não se importava nem se preocupava, e até achava graça quando a filha lhe confiava que queria que o mundo fosse ao contrário. Queria que as bonecas falassem, que as formigas cantassem, que as nuvens nunca chorassem, que os homens fossem todos poetas e as mulheres contadoras de histórias encantadas. Ouvia-a falar baixinho com as bonecas, com as quais entretinha diálogos intermináveis, mudando de voz para cada uma delas, e quando lhe perguntava:

– Então, Filha, o que é que estás para aí a dizer?

– Não sou eu, Mãe, são elas que estão a falar umas com as outras – respondia.

Também a contemplava quando permanecia longos minutos seguindo o zumbido das moscas que anunciavam a Primavera ou quando, no Inverno, fazia dançar os dedos nas sombras das paredes até se transformarem num coelho, numa rã, numa tartaruga ou num objecto qualquer.

Na escola, à hora do almoço, sentava-se no refeitório e quedava-se muito quieta no meio do alarido das outras crianças. Sondava o ar como quem não tem pretexto para a vida nem para o resto, e engolia a sopa que lhe aterrava como um avião a escaldar na língua, ou como um comboio que recolhia na estação encostada ao céu-da-boca. E, quando a professora lhe ralhava, Catarina só pensava no que seria dela se a senhora lhe ouvisse os pensamentos, lhes visse a cor ou lhes sentisse o cheiro.

Quanto às outras mães, analisavam o rosto alegre de Tomasa à saída da escola, observavam-lhe o corpo cheio, a rosa encarnada no cabelo e viravam a cara desconfiadas, arrastando precipitadamente os filhos pela mão.

Até ao dia em que uma delas lhe perguntou:

– Então, a menina não tem pai?

– Ter, tem – retorquiu Tomasa – só que está no céu.

– Com os anjinhos, não é, Mãe?

– É, Filha, com os anjinhos...

Nessa altura, as senhoras retraíram-se com ares compungidos e tristonhos, mas, mesmo assim, raras foram aquelas que lhe falaram nos dias que se seguiram. Sorriam-lhe com distância e discrição, mas, quando Tomasa não reparava, olhavam de esguelha para a rosa no cabelo, a saia apertada, as unhas compridas, como se toda a sua compostura fosse um atrevimento e um desafio à memória do defunto, uma insolência à face do mundo.

Só a directora da escola sabia que o pai de Catarina morrera num naufrágio, sem mesmo ter tido tempo de a conhecer ou de lhe dar o seu nome. E assim, nos registos da escola constava:

Catarina das Neves, filha de Tomasa das Neves e de Pai Desconhecido.

Os vizinhos pouco ligavam aos vaivéns misteriosos que se passavam no primeiro andar esquerdo. Cumprimentavam-se nas escadas, comentavam o tempo, esfregavam as mãos na cabeça de Catarina em sinal de carinho e afecto, trocavam receitas com Tomasa, cediam ovos e chávenas de farinha, mas nunca perguntavam quem era o homem vestido de cor clara e chapéu de palha com que se cruzavam de vez em quando nos degraus, e que lhes sorria com um ar distraído de recém-nascido.

Chegava sempre de manhã cedo, e então ouviam os risos de Catarina atrás da porta, ruídos de pratos e talheres a entrechocarem-se, depois Tomasa saía com a filha para a escola, o homem ficava até ela voltar, e o resto do dia no primeiro andar esquerdo passava-se no silêncio absoluto, até a mãe tornar a sair e voltar de mão dada com Catarina. Entretanto, o que o casal fizera dentro de portas, ninguém sabia. Como bem dizia D. Flor, a mais velha das inquilinas do prédio, toda a gente tem direito à vida, afinal Tomasa era viúva, e o homem que lhe entrava em casa, sempre o mesmo. Embora só ficasse um dia, às vezes, dois, e a seguir desaparecesse. Mas, com isso, ninguém tinha nada a ver. E a mulher aconchegava a trança comprida a um canto do ombro com a mão papuda, segurando com a outra o embrulhinho da leitaria, ao mesmo tempo que apertava o cabo do guarda-chuva por baixo do sovaco, e abria um sorriso entendido e aparvalhado, como se já

estivesse à espera de todos os acontecimentos e pudesse prever todas as reacções do ser humano.

Catarina tratava o homem por Tio Octávio, era com ele que fazia os trabalhos da escola mal chegava a casa, e dele só sabia que era um familiar rico que vivera muitos anos no Brasil e que passava o tempo a contar-lhe a vida nas searas, o canto das cigarras, o azul fundo e maciço do céu, ou a configuração das estrelas. Às vezes, também lhe trazia instrumentos minúsculos e uma terra vermelha e pastosa, que ambos triturravam horas a fio em cima da mesa da cozinha moldando pequenas figuras, que ora eram mãos em movimento, ora o rosto de uma boneca, ora copos que Octávio levava para um forno especial e que, uma vez secos e cozidos, serviam para guardar os lápis de cor.

Catarina acostumou-se assim a trabalhar o barro e, pouco a pouco, deixou as bonecas de lado para se concentrar num único objecto, que aflagava com os dedos lavrando-o pormenorizadamente. O seu modelo era invariavelmente a mãe. Tentava construir o seu rosto com paciência e teimosia e, quando dava a sua obra por terminada, passava a outra tentativa, em que Tomasa permanecia o figurino único e dilecto. Moldou assim diversas variantes da mãe e continuou a falar baixinho, transformando-a numa personagem que parecia ter vida e que torneava segundo a sua vontade, refugiando-se num mundo mágico onde tudo era possível. Inventou enredos, amigos e mistérios que apenas ela conhecia e tinha o poder de desvendar, como se toda a existência coubesse num teatro de marionetas que só ela tinha o privilégio de orquestrar.

No entanto, do que ela mais gostava, era dos olhos distantes e ausentes de Octávio, das suas mãos compridas e largas, percorridas de veias sinuosas e enroscadas umas nas outras. Também gostava de o ouvir falar do seu trabalho de escultor, das planícies áridas e secas, e imaginava uma terra horizontal, ocre e infinita, onde os homens se passeavam à maneira de mastros abandonados e solitários.

– Quando me levas para essas terras, Tio?

– Um dia, Catarina, um dia levo-te. Prometo.

E Octávio olhava para além da janela, como se aquelas palavras lhe recordassem o mundo em que vivia, um mundo aberto, vasto e livre, sem paredes nem fronteiras, onde só o Sol batia as horas do tempo e o vento anunciava cargas de água e prenúncios de fim do mundo.

Nesses dias, as tardes costumavam correr lentas e tranquilas, jantavam cedo, Catarina tomava banho, dizia boa-noite e deitava-se, desejando que o homem dormisse ali, mesmo na cama da mãe, porque não havia outro lugar e porque queria adormecer com as suas mãos a acariciarem-lhe a testa e a sua voz a contar-lhe contos mágicos de estrelas encantadas, que se pareciam com ídoles e afectos, chamavam-se *Saudade*, *Alegria*, *Tristeza* ou *Amor*, e povoavam o céu de sentimentos.

– Tio Octávio, conta-me outra vez a história da estrela *Saudade*... E diz-me, porque não casar com a minha mãe?

– Tens razão, Filha, vou pensar nisso. E quem sabe, um dia, case mesmo com a tua mãe? Boa-noite minha Linda. Dorme bem e sonhos felizes...

– Não, Tio Octávio, ainda não. Vamos despedir-nos das estrelas à janela.

Então ambos iam à cozinha, debruçavam-se no peitoril, fitavam o céu polvilhado de luzes e Catarina murmurava:

– Boa-noite *Amor*, boa-noite *Saudade*, boa-noite *Alegria* e boa-noite todas as estrelas do Universo.

Fechava lentamente a janela, beijava Octávio e ia deitar-se a pensar que o defunto pai talvez fosse agora um astro com quem tivesse, sem saber, encontros marcados e misteriosos. Porque sempre que se despedia das estrelas, pensava nele e no mistério que representava.

Catarina habituou-se à vida solitária com Tomasa e às chegadas e partidas de Octávio, que podia ficar sem aparecer durante mais de um mês. Sempre que o via era uma grande alegria, embora, com o passar dos anos, começasse a estranhar aquele homem que, em princípio, não tinha nada a ver com elas, a não ser um parentesco abstracto e longínquo.

Lembrava-se dele a dormir no quarto da mãe quando ela ainda era muito nova, de ouvir o rápido enxovalhar dos lençóis quando lhes batia à porta por causa de um pesadelo e, mais tarde, vira-os sair de noite e sentira-os a voltar de madrugada, quando o prédio ainda dormia e D. Flor, a inquilina mais velha, ainda não cochichava pelos cantos das escadas a dizer que, sim, toda a gente tem direito à vida, mas, agora que a miúda era mais crescida, a mulher metera-se na veneta de passar as noites fora de casa. Só para não dar à filha o triste espectáculo de estar a dormir com o primo!

– Com o primo! – exclamava a vizinha do rés-do-chão.

– Claro, com o primo! Então a miúda não trata o homem por *tio*? Algum familiar deve ser! E não são tão parecidos? Claro!

Porém, com o tempo, quando Catarina chegava do colégio, as portas fechavam-se, as línguas calavam-se, ou então recebia os sorrisos sinceros das mulheres que viam nela um ser diferente de todos os que viviam no bairro. Analisavam-lhe os gestos brancos e suaves, as sardas no rosto, os seus olhos tristes e quase cinzentos,

o seu corpo magro e alto, que se movia com uma estranha leveza como se tudo nela fosse etéreo e fluido. A jovem cumprimentava, subia os degraus, deparava com a mãe, que ora costurava para fora, ora arranjava o cabelo a meia dúzia de vizinhas que, entretanto, se tinham tornado clientes fiéis.

Sorria-lhes vagamente, beijava Tomasa e recolhia-se na cozinha, com a confusa sensação de não habitar aquele espaço. As senhoras lá ficavam, na sala, com as cabeças cheias de rolos, pregos, redes e algodão nos ouvidos, disputando o único secador disponível, uma espécie de capacete escondido atrás da porta, e embasbacavam-se com a beleza da rapariga, que, como diziam, crescia de dia para dia, tinha ar de ser muito mais velha do que o era na realidade, e também parecia ser muito independente. Tomasa concordava, cheia de orgulho e vaidade, e as mulheres elogiavam-na pela sua coragem, a sua dedicação, o seu sacrifício.

Depois, quando estava só, Tomasa arrumava invariavelmente o que já estava arrumado. Fazia correr o vidrinho do louceiro e redescobria com fervor e pasmo pratos que se contorciam em arabescos e relevos, travessas com crocodilos, serpentes e tartarugas que se debatiam numa selva de musgo e de lianas, e nunca se esquecia de acariciar o irlandês da caneca de cerveja que lhe sorria com um sorriso extático e muito branco. A seguir, compunha a saia levantada de uma bailarina retrógrada de cabelo loiro e um ar de estrangeira, abria a gaveta da cómoda, de onde retirava três saquinhos bordados com as inscrições *O Meu Umbigo*, *O Meu Primeiro Cabelo*, *O Meu Primeiro Dente*, e recordava então, enternecida, o dia em que Catarina nascera num quarto de hospital muito grande e muito branco, no alto do Cais do Grilo. Arrumava os saquinhos e debruçava-se sobre um papel de seda estreito e comprido onde guardara a sua primeira trança, desmanchava-o e aflagava o cabelo preso por um elástico em cada ponta. A seguir distraía-se desembuçando teias de aranha atrás das portas, lascas de tinta caídas dos rodapés, que tentava colar, e observava, comovida, ranchos de joaninhas que tinham eleito o seu refúgio nas tulipas de vidro dos candeeiros do tecto. Terminava limpando a gaiola do canário, com quem cantava

e falava, transmitindo-lhe os seus pensamentos mais íntimos e secretos. Cada vez que um canário morria, de velhice ou de insolação, Tomasa enterrava-o no canto de um jardim, dentro de uma caixinha, onde desenhava uma cruz amarela. E comprava outro, parecido, sempre uma fêmea, a quem dava o mesmo nome, *Papoila*.

Enquanto isso, Catarina abria os cadernos e os livros, aplicava-se nos deveres do colégio, para em seguida se entregar à escultura que, entretanto, se tornara uma autêntica vocação. Instalava-se na varanda, onde colocava uma tábua por cima do tanque, e retomava trabalhos inacabados ou criava outros, fazendo nascer das suas mãos formas, gestos e rostos que a absorviam totalmente. O mundo transformava-se então, segundo o seu empenho e o seu agrado, infinitamente pequeno ou vasto no reflexo de uma expressão, na atitude de um movimento, no rigor da intenção de transmitir sempre mais do que a simples estética e aparência.

Nesses momentos, Catarina apartava-se pouco a pouco do universo demasiado pequeno em que vivia, em que não cabia, em que sufocava, as suas mãos cobriam-se de barro e de veias tão grossas como as de Octávio, e então tinha saudades dele e de todas as histórias para onde ele a levava, longe dali, daquele primeiro andar, das clientes da mãe, da sua rosa ridícula no cabelo, do vozeirão dos homens que gritavam bêbados, de noite, no vão das escadas, longe do cheiro a refogado e a couves requentadas, das peles flácidas das mulheres que tremiam ao subirem as escadas, longe de todos os corpos com que se cruzava e que já cheiravam a podridão, dos olhares curiosos, que, quando não eram tristes, eram maus, e de tudo o que lhe evocava a morte lenta dos homens presos à pequena matéria dos seus corpos sem espírito, sem sonhos, fechados, cheios de melancolia, no enfadonho tédio de si próprios.

Quando a noite chegava, encostava-se à janela da cozinha e, com a mãe, imaginava aldeias brancas no meio de searas infinitas.

– Estás a vê-las, Filha?

– Estou, Mãe. Estou a ver tudo.

Então despediam-se das searas, dos casarios brancos e das estrelas, e iam dormir com a cabeça cheia de memórias inventadas e de sonhos improváveis.

Só quando Octávio chegava, sempre ao improvisado e sempre de madrugada, Catarina parecia outra. Mostrava-lhe o que havia feito, seguia os seus ensinamentos, perguntava pelo seu trabalho e ele respondia que já lhe custava burilar, talhar e polir a pedra, respirar o pó e que, por isso mesmo, passava mais horas a ler e a consultar obras de astronomia do que propriamente a esculpir.

Quando voltava do colégio, falava-lhe do mistério das galáxias, dos buracos negros e das horas que consumia a olhar as estrelas, como se fossem notas de uma música muito bela e muito lenta que enchia o céu todas as noites. Catarina ouvia a sua voz e imaginava que se deitava numa planície negra e seca da noite, só para ver e ouvir a dança das estrelas no meio de um universo em constante expansão, assolado por ciclones afunilados e solitários que engoliam tudo à sua passagem.

Os anos passaram. Mas as histórias eram sempre as mesmas. E, quando Octávio partia, Catarina ficava a pensar naquele mundo tão cheio de outros mundos que ele lhe contara como se, finalmente, tivesse encontrado alguém que conseguisse arrebatá-la para outras alturas, longe de tudo o que era banal e rotineiro.

Porém, a vida mudou numa sexta-feira à tarde, quando Octávio manifestou o desejo de mandar Catarina para um colégio interno em Coimbra. Confiou a Tomasa que achava mal a rapariga viver na promiscuidade do prédio, no meio dos gritos, com os jovens da

rua a olharem para ela. Além disso, o colégio para onde queria que ela fosse administrava um ensino inovador e muito próprio, pois dava uma importância quase exclusiva às artes plásticas e às línguas, e Catarina seria sem dúvida muito feliz. Assim, aproveitava-se a proximidade do fim do ano, decidiam, e resolviam a situação.

Ao princípio, Tomasa aceitou mal a ideia. Nunca se separara da filha nem podia imaginar como seria viver sem ela. Mas adivinhou um grande vazio e previu uma grande tristeza. Por outro lado, sabia que Catarina não tinha futuro nenhum ali e até devia agradecer a quem pensava por ela, a quem a aconselhava tão bem e estava disposto a prover a todas as despesas.

Catarina, a não ser a pena que lhe dava deixar a mãe, ficou entusiasmada com a ideia. Sabia que não gostava daquele lugar, daquele andar escuro e húmido, daquela gente com quem, instintivamente, não se identificava. Além disso, odiava os piropos que os homens lhe lançavam na rua, os assobios dos rapazes que às vezes procuravam entalá-la numa esquina das escadas, os olhares e os comentários que ouvia das mulheres sobre Tomasa. E assim, ficou assente que seguiria para Coimbra na abertura do ano lectivo seguinte.

Nesse intervalo de tempo, concentrou-se nas revisões, desenhou e trabalhou o barro com mais afinco e entusiasmo, fazendo peças cada vez maiores. Tomasa observou, assombrada, a determinação da filha, que passava os dias só, quase sem falar com ela, como se não precisasse de ninguém e até reivindicasse a solidão como um estado de graça, à maneira de uma força estranha que a alimentava.

Então pensou que era muito simples: Catarina vivia bem consigo própria.

Por isso, faziam pouca companhia uma à outra e sempre com escassas palavras. Só que, ultimamente, a filha analisava mais a mãe, reparava mais no seu ar ingénuo e quase sempre feliz, no desinteresse que sempre tivera pelos livros que ela estudava, na indiferença com que sempre recebera as histórias que lhe contava ou as desavenças com as amigas, no desprendimento com que tomava conhecimento das suas notas. E, às vezes, apetecia-lhe gritar para que esquecesse o Tio Octávio, os seus olhos claros que

se pareciam tanto com os seus, para que fizesse outra coisa para além de pensar em cortes de cabelo e de passar tardes inteiras na cama sempre que ele vinha, e de parar de andar com os olhos perdidos pelos cantos, a ouvir histórias de amor tristes e banais que as clientes lhe entregavam como sonhos lindos, sem passado nem futuro. Em suma, queria que Tomasa deixasse de pensar em Octávio, se desfizesse daquele constante ar etéreo e ausente, até quando se prosternava sobre os trabalhos de costura, que despejasse a casa daquele bafo quente e irrespirável, e se lembrasse que também ela, Catarina, existia.

Mas Tomasa não prestava atenção a nada, a não ser ao asseio da cozinha, da casa de banho e das duas divisões, assim como à roupa que tinha de estar perfeitamente engomada. Como se, ao dobrar, limpar e arrumar, também dobrasse, limpasse e arrumasse saudades e nostalgias. De resto, passava os seus dias a imaginar como seria a vida com Octávio, e nem as suas ocupações lhe distraíam o pensamento. Preparava atitudes e *toilettes*, e lia revistas para aprender a maneira mais bonita de pôr uma mesa, de compor um arranjo de flores ou de cozinhar outras coisas que não fossem lulas recheadas, rolinhos de carne, bifanas ou ensopado de borrego.

Quanto a Catarina, Tomasa considerava-a praticamente uma adulta, apesar dos seus quinze anos. O seu comportamento recatado e silencioso, o seu ar sério, o alheamento que mantinha em relação à vida do prédio e às amigas da mãe, dava-lhe um ar de menina crescida e criava de imediato uma certa distância entre ambas. De noite viam televisão ou liam, de manhã acordavam, tomavam o pequeno-almoço juntas, Catarina partia para o colégio e Tomasa ficava a remendar vestidos, blusas e calças, enquanto não chegassem as senhoras para arranjarem ou cortarem o cabelo, sempre com muitos sacos, muitos divórcios, casos de enganos e doenças para relatar.

Sentavam-se esbaforidas depois de terem subido os degraus, desmanchavam guitas e embrulhos, debruçavam-se sobre bolos de arroz e marquises de chocolate com a beatitude de santas, e sacudiam o ar junto aos peitos enormes com as asas das mãos curtas e inchadas.